



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

VITÓRIA JENIFFER GOMES DA SILVA

**“NÓS NÃO É O PLURAL DE EU” - A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO ÉTICO
DE EMMANUEL LEVINAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

RECIFE

2023

VITÓRIA JENIFFER GOMES DA SILVA

**“NÓS NÃO É PLURAL DE EU” - A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO
ÉTICO DE EMMANUEL LEVINAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

TCC apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Recife, como requisito para a avaliação da disciplina TCC e da graduação de licenciatura em filosofia da universidade federal de Pernambuco para obtenção do título de graduação em filosofia

Orientador(a): Prof Dr. Sandro Cozza
Sayão

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva , Vitória Jeniffer Gomes da .
" Nós não é o plural de Eu" - A contribuição do pensamento ético de
Emmanuel Levinas para o ensino de filosofia / Vitória Jeniffer Gomes da Silva
. - Recife, 2023.

28

Orientador(a): Sandro Cozza Sayão
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia -
Licenciatura, 2023.

1. Ética . 2. Ensino de Filosofia . 3. Responsabilidade . 4. Alteridade . 5.
Currículo de Pernambuco. I. Sayão, Sandro Cozza. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

VITÓRIA JENIFFER GOMES DA SILVA

**“NÓS NÃO É PLURAL DE EU” - A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO
ÉTICO DE EMMANUEL LEVINAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do título de
graduação em filosofia.

Aprovado em: 19/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sandro Cozza Sayão (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães (Examinador)

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho, deixo aqui meus agradecimentos. Agradeço a Deus por todos os momentos e proteção ao longo destes anos de graduação. Agradeço em especial aos meus queridos amigos da graduação, sem os quais eu não teria conseguido chegar até aqui. Lembro-me bem de toda a força, apoio e acolhimento que me foi dado. Agradeço imensamente a todos vocês e não poderia deixar de mencionar alguns nomes: A minha querida amiga Vivian Daisa por me mostrar a alegria e ensinar a manter a esperança nos dias difíceis, ao meu querido amigo Felipe Vasconcelos por tanto companheirismo ao longo destes anos, por acompanhar cada erro e acerto sem nunca desistir e soltar minha mão. Aos meus queridos amigos, Lucas Alves, Bianca Gonçalves, Evanira Severina, Athylian Cordeiro, Allana Sthefane, e Michelangelo Costa que tornaram muitos momentos tristes e cansativos em alegria e leveza, e ao meu amigo Julison Antonio, companheiro nos estudos levinasianos desde 2020 onde nas nossas conversas sobre Levinas foi possível uma troca incrível. A estes amigos, agradeço pelo amor e carinho que permearam nossas relações, vocês me fazem acreditar e esperar um mundo melhor. Agradeço, também, a minha família pela alegria, incentivo, e ajuda.

Aos professores, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado. Ao professor Dr Sandro Cozza Sayão pelo apoio e ajuda durante a orientação desta pesquisa, que sempre foi feita com alegria, cuidado e acolhimento. Agradeço também a minha irmã Isabelle Laís que sempre leu e me deu os melhores feedbacks que uma pessoa que não possui afeição pela filosofia pode dar. Sempre quis que esta pesquisa fosse mais que apenas um trabalho, que fizesse sentido para mim. Nestas páginas, estão escritas muitas coisas as quais adquiri, não somente das leituras das obras dos filósofos, mas da vida, e agradeço a todos que fizeram parte desse processo, seja direta ou indiretamente. Vocês me ajudaram a atribuir um sentido a esta pesquisa e assim eu não apenas a escrevi, mas a vivenciei.

*“ Todos os homens são responsáveis por tudo e por
todos e eu mais que Todos os outros”*

(LEVINAS, 1997,p.150)

RESUMO

Considerando que a ética é imprescindível para o funcionamento da sociedade e que o papel da educação Brasileira é formar cidadãos, a educação no Brasil, possui como principal o conceito de Educar enquanto Formar. Assim, é preciso pensar acerca do modelo de cidadão que pretende-se formar com a educação. O objetivo da presente pesquisa, é contrapor duas formas de se fazer educação. A 1º, seguindo a via da ontologia e totalidade, enquanto a segunda, a partir da inspiração ética levinasiana, isto é da ética da alteridade, enfatizando a importância de formar enquanto Humanizar. Humanização que aparece enquanto responsabilidade, pautada na vivência do cuidado, da generosidade, e do acolhimento que podem ser estimulados por meio do redirecionamento do desejo à ética. No entanto, para que a vivência humana seja possível, o Eu precisa despertar da dimensão da totalidade e da ontologia que o prende a indiferença e a violência diante do mundo. Assim, será feito o uso do pensamento do filósofo Emmanuel Levinas, considerando os conceitos de Ética, Rosto, Responsabilidade(Respeito), Desejo, e Acolhimento (p.146), presentes nas obras “ Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade” (1997), “Ética e infinito” (1982) e Totalidade e infinito (1980) (tal como aparece no 2º parágrafo da p.8) A partir de uma pesquisa teórica e bibliográfica.

Palavras-chave: Ética; Responsabilidade; Ensino de filosofia; Desejo; Totalidade.

ABSTRACT

Considering that ethics is essential for the functioning of society and that the role of Brazilian education is to form citizens, education in Brazil has as its main concept Educating forming. Thus, it is necessary to think about the model of citizen that education intends to form. The objective of this research is to contrast two ways of doing education. The 1st, following the path of ontology and totality, while the second, based on the Levinasian ethical inspiration, that is, on the ethics of otherness, emphasizing the importance of training as a humanizer. The humanization that presents itself as responsibility, based on the experience of care, generosity and welcoming that can be stimulated by redirecting desire towards ethics. However, for the human experience to be possible, the Self needs to awaken from the dimension of totality and ontology that binds it to indifference and violence in the face of the world. Therefore, the thought of the philosopher Emmanuel Levinas will be used, considering the concepts of Ethics, Face, Responsibility (Respect), Desire and Reception (p.146), present in the works "Among Us: Essays on alterity" (1997) , "Ethics and infinity" (1982) and Totality and infinity (1980) (as shown in the 2nd paragraph on p.8) Based on theoretical and bibliographical research.

Keywords: Ethic; Responsibility; Philosophy teaching; Desire; Totality.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO

2. TOTALIDADE , ONTOLOGIA E ENSINO	6
2.1 - A ontologia e a busca pelo universal enquanto obsessão pelo ser	6
2.2- A estrutura formal da ontologia	8
2.3- Totalidade e Ontologia	9
2.4- Relação Ontologia, Totalidade e Ensino: Consequências para a prática educativa	11
3. ÉTICA, DESEJO E HUMANIDADE NO ATO DE EDUCAR	15
3.1 - Levinas e a ética da alteridade	18
3.2 - Desejo, Responsabilidade e Acolhimento no ato de ensinar	21
3.3 - Ensino de filosofia e formação cidadã: Contribuição da centralização da ética da alteridade no processo de ensino	22
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

O sentido daquilo ao qual chamamos humanidade, vem sendo construído e reconstruído há muito tempo de acordo com o período histórico e os pensadores que os marcam. Em determinados momentos da história, tais como a antiguidade ocidental, acabamos por prezar pela liberdade como conceito próprio da humanidade, o humano é livre. A liberdade surge, então, como condição da humanidade. Em outros momentos, tais como a modernidade, a liberdade humana aparece enquanto liberdade econômica ou intelectual pautada num culto ao racionalismo. Liberdade enquanto ser, pensar, agir, falar da forma que melhor me convém, liberdade enquanto fazer o que me der vontade; Liberdade enquanto uma satisfação, satisfação de um desejo que possuo por algo, ou por alguém.

Emmanuel Levinas tece críticas a determinados aspectos da liberdade. Sobretudo, ao formalismo no qual a tradição ocidental da filosofia a põe enquanto capaz de por si mesma dar conta de todas as demandas que perpassam as relações humanas. (LEVINAS,1980). Crítica, que de modo específico se estende à modernidade e aos antigos que atribuem a liberdade o próprio ato do filosofar, do pensar, na satisfação sem ausência de restrições. Essa liberdade enquanto atributo próprio do humano seria vista enquanto o próprio exercício da razão, pois razão e humanidade seriam intrínsecos ao agir eticamente. Entretanto, Levinas acredita que somente a razão não é capaz de suprir a falta da ética, pois a esta escaparia toda lógica.

Dessa maneira, o filósofo interrompe a marcha do mundo que estaria pautada no culto ao excesso de racionalismo enquanto pressuposto do pensar e agir éticos. Aparece, então, com o seu pensamento de que a ética (E, aqui, não está a criar uma nova ética, mas sim lhe apontar uma outra direção, a da responsabilidade). e não a ontologia deve ser posta enquanto ponto central da filosofia, pondo a liberdade enquanto um aspecto do exercício da responsabilidade pois por si só, esta não daria conta das demandas éticas.

Essa marcha do mundo pode ser vista como o considerável avanço que alcançamos diariamente com descobertas científicas, com o avanço das tecnologias

pautadas por um culto às ciências e ao excesso de racionalismo que nos permeiam desde a modernidade. Nesta marcha, a razão ganha o lugar central enquanto ponto primordial para o desenvolvimento daquilo ao qual nomeamos humanidade. Assim, o filósofo chama atenção para outra possibilidade, a da humanidade não enquanto liberdade ou racionalismo mas sim enquanto responsabilidade e acolhimento, humanidade enquanto ética. Nos conduz ao outro, para que, dessa maneira, possamos sair do individualismo e da dimensão egoísta e totalitária a qual éramos presos.

A humanidade pensa. Mas, até que ponto o Racionalismo e a humanidade estão entrelaçados? até onde nos leva diariamente o nosso excesso de razão? A cada dia vê-se o uso da razão sendo aplicado na criação de armas, na estratégias de países para a invasão e assassinatos de cidadãos de países vizinhos, no incentivo à competitividade entre uns e outros em busca de um título ao qual se possa designar o melhor homem ou mulher em determinada área. No Racionalismo, a subjetividade do Eu prepondera em relação à subjetividade de Outrem, e, assim, este se fecha no individualismo, o que resulta na violência e negação da exterioridade. É este o sentido que a racionalidade atribui à humanidade.

Mas seria esta a via correta a seguir? Levinas nos apresenta essa questão, e a possibilidade de conduzir nossas ações por uma outra via. Assim, está em busca do Humano¹, um Humano não enquanto um ser racional, mas enquanto um ser responsável e sensível a dor do outro que está diante dele, um Humano acolhedor as diferenças e respeitável as alteridades de outrem este é o Humano que o filósofo lituano propõe e dessa maneira inaugura um colapso no Ser que antes estava preso a uma dimensão senão egoísta, onde preocupava-se apenas consigo mesmo.

Levinas preza, portanto, pela abertura às diferenças e a responsabilização sem limites por outrem enquanto vivências próprias do ser humano. Vale ressaltar, que não se pretende aqui extinguir a razão e o pensamento enquanto características do ser humano. O filósofo tece críticas ao excesso de racionalismo, ou seja, a um aspecto da razão, um aspecto do pensamento. Aspecto, que atua enquanto prisão

¹ Humano. O uso do termo com H maiúsculo enquanto um conceito da filosofia levinasiana.

na interioridade e negação da exterioridade, mas, isto não quer dizer que não pensamos e que a razão e o pensamento devem ser extinguidos. Pelo contrário, é necessário que a razão e o pensar estejam direcionados para a ação ética.

Mas, por que ser ético quando o que convém de fato é a liberdade e o individualismo? O filósofo responde essa questão enfatizando a importância de agir bem, de ser bom. A responsabilidade por outrem não é algo divertido de realizar, mas é o bem. Devo ir contra minhas vontades para proteger outrem pois não posso negligenciar alguém após saber que este precisa de amparo. Mas ainda nos restam algumas questões: Como estimular alguém a agir de acordo com a ética enquanto responsabilidade? De que maneira o pensamento levinasiano está interligado ao ensino, e o que tem para oferecer enquanto contribuição a este?

A presente pesquisa tem como objetivo contrapor duas formas de se fazer educação. A 1º, seguindo a via da ontologia e totalidade aparece na primeira seção da pesquisa, assim como os conceitos que a permeiam, enquanto a segunda, que parte da inspiração ética levinasiana, isto é da ética da alteridade, enfatizando a importância de formar enquanto Humanizar aparece na segunda seção. Assim, será feito o uso do pensamento do filósofo Emmanuel Levinas, considerando os conceitos de Ética, Rosto, Responsabilidade(Respeito), Desejo, e Acolhimento (p.146), presentes nas obras “ Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade” (1997), “Ética e infinito” (1982) e Totalidade e infinito (1980) (tal como aparece no 2º parágrafo da p.8) A partir de uma pesquisa com orientação teórica e bibliográfica.

Desse modo, partiremos do conceito do Desejo do invisível enquanto um Desejo Metafísico, como o ponto central para o exercício da responsabilização e de que forma este Desejo pode contribuir para a prática educativa por meio do ensino de filosofia. Dessa maneira, pode-se dizer que o Homem deseja. Todos desejamos algo e temos como objetivo suprir este desejo, que logo é substituído por outro. O desejo do invisível é um desejo por algo que nunca pode ser alcançado, suprido. É o desejo por outrem. Mas enquanto preso a ontologia e a totalidade o Ser tende a direcionar este desejo para as suas satisfações pessoais, submetendo todos ao seu redor as suas vontades. É uma necessidade. Portanto, cabe às instituições de ensino, assim como ao professor propor situações em sala de aula, por meio do

ensino onde este desejo que não pode ser saciado possa ser redirecionado para um outro caminho que não o da totalidade, mas para a ética, para que este desejo possa se tornar desejo metafísico, desejo ainda insaciável mas que desperta-nos para algo, nos torna sensíveis aos outros que estão à nossa frente.

Sabe-se que a escola representa o espelho da sociedade e assim é imprescindível que se pense acerca do modelo de humano que a escola pretende formar. Neste sentido, o pensamento do filósofo lituano tem muito a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e responsável a partir da educação enquanto redirecionamento do desejo do Eu, para o Outro considerando que a ética é indispensável para o funcionamento da sociedade. É preciso ter esperança e aceitar o que este aluno ou aluna que pretende-se formar pode vir a se tornar, é preciso acolher as diferentes alteridades e talentos presentes numa sala de aula, e assim, tirar o centro do processo educativo enquanto bons resultados em exames avaliativos. A escola pretende formar cidadãos antes de médicos, advogados, cantores ou qualquer outro profissional. O que é de fato importante é a abertura às exterioridades, é a compaixão e impossibilidade de violentar o outro.

São os valores do humano que devem ser ensinados. Para tal, é necessário que a escola não tenha em vista um único modelo de estudante enquanto ideal, pois cada um é único, possuindo suas próprias particularidades. A escola e o docente devem buscar, portanto, extinguir a ideia de que existem bons e maus alunos. Existem, apenas, alunos. Se a individualidade de cada estudante não for respeitada, validada assumimos que a escola funciona como uma máquina que possui um modelo ideal de aluno que deve ser reproduzido.

Vale ressaltar, que a questão não é a exclusão total da universalidade dos valores que se pretende formar por meio do ensino, mas uma resignificação dessa universalidade para que assim ela não represente uma violência as diferenças que lhe aparecem, e também não nos cabe aqui indicar com perfeição um guia para professores, prometendo que seguindo a risco, os objetivos serão por estes, alcançados. Pelo contrário, docentes trabalham senão com possibilidades. Assim, esta pesquisa pode ser vista enquanto um caminho possível, que pode ser pensado e posto em prática pelo docente com a consciência de que não se pode afetar,

alcançar todos os alunos, pois Outrem como infinito não pode ser abarcado. Ele nos escapa.

2. TOTALIDADE , ONTOLOGIA E ENSINO

2.1 - A ontologia e a busca pelo universal enquanto obsessão pelo ser

Toda a tradição da filosofia ocidental é marcada pela presença da ontologia enquanto sua filosofia primeira. Presença, que se evidencia na busca incessante senão desesperada dos filósofos por alguma coisa que os possa levar atingir uma compreensão a qual possam declarar ser universal e válida para todos. Essa busca pelo universal é notada pela seguinte questão: “ O que é o **ser**?”. A pergunta pelo ser, é própria da ontologia pois evidencia uma necessidade de conceituar e delimitar algo, ou seja, necessidade de dizer o que as coisas são.

Com essa questão, surge também uma necessidade de delimitar e classificar o objeto de investigação desta ontologia, a saber, o **Ente**. A investigação ontológica que tem o ente como seu objeto de estudos busca a resposta acerca do questionamento pelo ser em geral. Vale ressaltar, que a pergunta pelo ser é própria da ontologia e para que se possa compreendê-lo ,antes, ela busca compreender e delimitar o seu objeto de estudos (Ou seja, o Ente). "A Pergunta pelo Ente é a introdução necessária ao tema da ontologia, e via de acesso á questão filosófica fundamental, a pergunta que interroga pelo ser" (BLANC ,1998, p.16)

Assim, duas categorias são essenciais para a compreensão do ente: **O ser e o pensar**. Perguntar pelo ser é perguntar acerca do universal, é a busca pela unidade em meio a multiplicidade e o pensamento é aqui senão a via de acesso ao ser, pois é capaz de capturar e de apreender o universal em sua totalidade. Dessa maneira, podemos dizer que a filosofia enquanto ontologia é uma busca pela delimitação daquilo que é, é uma tentativa de resposta, de síntese, de compreensão diante das multiplicidades que se apresentam diante de nós, é a presença do ser ele mesmo enquanto fundamento da verdade.

Emmanuel Levinas tece inúmeras críticas a esta ontologia enquanto filosofia primeira. Segundo o filósofo, esta filosofia é senão egóica, obcecada pelo idêntico, ou seja, aquilo que não muda, agindo enquanto uma violência contra a multiplicidade

as diferentes alteridades que existem: “Como egologia, sim. Se alguém ler as Enéadas, o Uno nem mesmo de si tem consciência; se tivesse consciência de si, já há ruptura”. (LEVINAS, 1997, p.156) . Assim, toda a filosofia ocidental seria afetada pelo legado da identidade, da unidade, advinda da ontologia, pela obstinação em ser que posteriormente resultou na prisão do Eu. Parmênides (Filósofo Pré - Socrático, Via no Ser o Arché. o Ser aparece enquanto a própria identidade (PARMÊNIDES, Sobre a natureza, 2002, VIII, 15-20) ao declarar que o Ser é, e, que é precisamente aquilo que é idêntico e não muda, não fazia outra coisa senão ontologia. Ontologia que incitava a repulsa pela multiplicidade e diversidade enquanto uma exaltação à unidade.

Ademais, a ontologia faria parte de uma dimensão a qual o filósofo chama Totalidade. A totalidade aparece no pensamento de Levinas enquanto a negação da exterioridade, representando uma prisão no Eu. O que nela prepondera, é a violência na minha relação com o outro. Assim, a totalidade aparece enquanto totalitarismo.

As consequências dessa obsessão pela unidade em busca pelo universal marcam uma busca pelo idêntico, que causa uma relação de indiferença entre o Eu e o Outro. Ao me deparar com este último, quero que se torne igual a mim, não suporto sua alteridade que difere da minha. Ou este se torna meu igual, ou terei de violentá-lo para que aprenda por meio da força a obedecer-me.

Por que me sentiria eu responsável em presença do rosto? Esta é a resposta de Caim, quando se lhe diz: “ Onde está teu irmão?” ele responde: “ Sou eu o guarda a de meu irmão?” E isto o rosto do Outro, tomado por uma imagem entre imagens é quando a palavra de Deus que ele carrega fica desconhecida. Não se deve tomar a resposta de Caim como se ele zombasse de Deus, ou como se respondesse à maneira de uma criança “ Não sou eu, é o Outro”. A resposta de Caim é sincera. Em sua resposta só falta a ética; nela só há ontologia: eu sou eu e ele é ele. Somos seres ontologicamente separados. (LEVINAS, 1997, p.153)

Por sua vez, a ontologia garante a separação entre o Eu e o Outro a uma distância segura, para que um não seja afetado pelo outro. A ontologia diz sempre “Eu” é a identidade, a mesmidade que predomina na minha relação com o outro. Levinas critica essa visão egóica e exalta a multiplicidade dos seres, para ele o importante é a abertura às exterioridades. É na minha relação com o Outro que

conheço o mundo. Não há conhecimento estando sozinho, o conhecimento não é reminiscência tal como platão acreditava. Conhecimento é sempre conhecimento do novo, e dessa maneira o Outro me ensina. Para que possamos compreender melhor o funcionamento desta filosofia enquanto obsessão pelo ser, é necessário delimitarmos e investigarmos também a sua estrutura.

2.2- A estrutura formal da ontologia

Enquanto ciência, a ontologia apresenta uma estrutura formal e assim, se faz necessária uma investigação acerca desta estrutura para que se possa entender o seu funcionamento assim como o funcionamento dos seus objetos de estudo. Na obra “ Estudos Sobre o Ser” (BLANC,1998, p.15) pontua os seguintes pontos acerca da estrutura formal da ontologia:

- 1- A pergunta pelo ser** - Que também é perguntar pelo ente. A questão possibilita a emergência do ser. A pergunta pelo ente é a introdução necessária ao tema da ontologia .
- 2- O sentido do ser** - Perguntar pelo ser é perguntar sobre o seu sentido em geral. O sentido é o modo próprio do ser, na medida em que este é em si compreensibilidade.
- 3- A determinação do ser** - A tematização do sentido do ser é condição prévia de um discurso ontológico . O trabalho concreto da ontologia consiste em descrever as estruturas dos diferentes modos de ser.

Os pontos centrais da estrutura da ontologia enquanto ciência evidenciam a preocupação desta filosofia em classificar e compreender de forma precisa aquilo que lhe defronta. Emmanuel levinas tece suas críticas a Ontologia enquanto **embriagamento e obsessão pelo ser**. O foco dado a aquilo que está no interior, a obsessão em dizer o que algo é, em categorizar.

O primado do Mesmo foi a lição de Sócrates: nada receber de Outrem a não ser o que já está em mim, como se, desde toda a eternidade, eu já possuísse o que me vinha de fora. Nada receber ou ser livre. A liberdade não se assemelha à caprichosa espontaneidade do Livre arbítrio. O seu sentido último tem a ver com a permanência no Mesmo, que é a razão. O conhecimento é o desdobramento dessa identidade, é liberdade. O facto de

a razão ser no fim de contas a manifestação de uma liberdade, neutralizando o Outro e englobando-o, não pode surpreender, a partir do momento em que se disse que a razão soberana apenas se conhece a si própria, que nada mais a limita. A neutralização do Outro, que se torna tema ou objeto que aparece, isto é, se coloca na claridade - é precisamente a sua redução ao Mesmo. (LEVINAS, 1980,p.31)

Platão e Sócrates dão base a esse argumento ao enfatizarem a busca pela conceituação do mundo exterior, em definir o que as coisas são. Com Levinas, nos deparamos com o oposto, é o Outro (enquanto exterioridade que não se submete a um conceito) quem me ensina. Por hora, nos cabe seguir explicitando o funcionamento destas áreas de estudo criticadas pelo filósofo, pois como foi visto, a ontologia não está sozinha, mas, participa de uma outra dimensão que dá as bases para a sua busca pela identidade e rejeição da exterioridade: a **totalidade**.

2.3 - Totalidade e Ontologia

Racionalismo e humanidade são dois conceitos que se contrapõem na filosofia levinasiana, dada a concepção de que os maiores males advindos da humanidade são marcados pelo avanço da razão e da ciência. Daí, a crítica do pensador ao excesso de racionalismo que é próprio da modernidade. Com o seu culto cientificista, até onde nos levou a nossa grande racionalidade? Só vieram até nós grandes mazelas da humanidade, a indiferença perante outrem, a guerra, a violência e totalização predominando os laços e todas as relações humanas. Haverá uma saída para a humanidade? que humanos nos tornamos e que humanos pretendemos nos tornar? No entanto, o filósofo acredita que tais ações derivam de uma cegueira, de um embriagamento do Eu diante do Outro à sua frente. Para tal, podemos pensar no conceito de Face-a-face que é trabalhado por Levinas. Assim, o sujeito enquanto infinito não seria bom ou mau por natureza,² mas possuiria diversas faces as quais se baseiam em um modo de ser. Há, portanto, em nós uma face humana, assim como uma face desumana, neste face-a-face se manifestam diversas formas de existir, de ser.

² Tal como Thomas Hobbes dizia: " O homem é o Lobo do Homem " aprofunda na questão da natureza humana no Capítulo XIII do Leviatã (HOBBS, 2003) Ou Rousseau, Ao dizer que o homem na natureza não prejudicaria seu semelhante, e assim não haveria guerra" (ROUSSEAU, 2009 p.76).

Mas essa ontologia que está demasiada obcecada em classificar e delimitar a essência do ser advém de uma dimensão a qual podemos chamar totalidade. A totalidade é marcada pela ausência de pensamento, pois nela o que prepondera é a consciência vital que percebe somente os instintos e tudo aquilo que é concreto. Para Levinas, o Eu vive nessa dimensão durante a maior parte do tempo, embriagado por si. Entretanto, o Eu apresenta um aspecto singular que nos afasta dos demais animais (Possuímos racionalidade) e assim podemos perceber o mundo exterior que está diante dos nossos olhos.

Ao percebermos uma exterioridade, parte da consciência vital que antes estava atrelada a nós morre. O pensamento representa a morte dos instintos. Entretanto, o Eu apresenta uma estrutura intrigante, participa da totalidade ao mesmo tempo em que se reserva desta. Dessa maneira, o pensamento se torna possível. Mas, pensar e responder são coisas distintas. Para melhor exemplificar esta distinção, vamos analisar o seguinte exemplo:

Suponhamos, que há um jovem prodígio na ciência com grande talento para desenvolver a cura de uma das grandes doenças que assolam a humanidade. Entretanto, este jovem cientista se depara diante de uma grande oferta de dinheiro para que desenvolva uma fórmula capaz de criar uma das maiores armas destrutivas que já existiu, capaz de dizimar inúmeras vidas de uma vez. Assim, produz a fórmula necessária para a produção da arma, pois ficará rico e acredita que as consequências do uso da sua razão serão responsabilidade somente daqueles que fizerem uso da arma. Entretanto, antes de vender a fórmula, fecha um acordo com os compradores com a condição de que em caso de uso, as armas não sejam utilizadas na região onde ele vive. Aqui, pode-se perceber um sujeito que possui razão e faz o uso dela, mas o pensamento não está direcionado para a ética. Este Eu percebe uma exterioridade mas está preso demais a si mesmo para preocupar-se com outrem. O outro não lhe diz respeito, não é problema seu. Dessa maneira, cabe a cada um preocupar-se com si mesmo. Assim ,podemos dizer que o Eu é um sujeito racional, mas não necessariamente ético. Pensar e responder são coisas distintas, entretanto, é importante pontuar, que responder envolve o ato de pensar. A ética é o pensamento direcionado para o outro.

O jovem do qual falamos está embriagado na totalidade e na ontologia. Não que este seja uma pessoa má, sua ação o foi e ele não tem consciência do quão grave foi. O excesso do racionalismo que não significa humanidade e a participação do Eu na totalidade nos tornam **indiferentes** perante qualquer diferença que nos seja apresentada, mais que indiferença pois por muitas vezes a forma do Eu de lidar com uma diferença é por meio da violência, subjugo o outro para que seja igual a mim. O Eu está preso a si, indiferente ao outro e vive numa dimensão senão egoísta. Vive pra si, é pra si e enxerga o outro como um outro Eu, um outro de si. Ademais, Na totalidade o meu ser se dá a partir do outro.

2.4 - Relação Ontologia, Totalidade e Ensino: Consequências para a prática educativa

A princípio, toda esta explicitação acerca do ser e da ontologia pode parecer desvinculada da prática educativa. Podemos nos questionar, que relação existe entre ambos? No entanto, investigar os fundamentos desta ciência é de suma importância para que possamos compreender as raízes de nossas atitudes violentas. Para facilitar a compreensão acerca da conexão existente entre esta ciência e a prática educativa vivida na realidade escolar vamos analisar o seguinte exemplo: A categorização comum feita pelas instituições escolares em relação aos seus estudantes: A classificação destes em "Bons" e "Maus Alunos".

O que significa ser um bom aluno na vida escolar? Comumente, o estudante perfeito é aquele que tira as melhores notas nos exames, interage nas aulas dos professores mostrando propriedade acerca dos conteúdos explicitados e não se envolve em situações que possam vir a ser consideradas um problema. E o que significaria ser um mau aluno? Em sua maioria, os professores consideram os estudantes que possuem uma energia e animação singular como alunos - problema. Estes, são os que conseguem mobilizar a turma e acabar com aquele silêncio imposto durante a aula com brincadeiras e piadas, são os que não se calam quando incomodados e até mesmo confrontam os professores diante de alguma fala ou ação que lhes incomoda, ou que é por eles tida como injusta. Eles não possuem as melhores notas da sala, mas possuem uma forma de agir que por vezes cativa seus colegas de classe que os apoiam em diversas atitudes agindo por vezes, segundo a

sua influência. Tal categorização tem por objetivo delimitar lugares para estes alunos. A depender da classificação em que estiverem, pode o tratamento, a relação entre aluno - professor variar. Se um Bom aluno solicita a presença do docente, este lhe acolhera da melhor maneira possível, é o prodígio da sala ou da escola afinal de contas. Se um Mau aluno solicita a ajuda do professor pode se deparar com o desdém, ou má vontade do docente em ajudá-lo.

Essa forma variada de tratamento com estudantes a depender da avaliação e do molde onde foi encaixado serve como um exemplo para os demais. Assim, se as minhas ações estão de acordo com o molde do bom aluno nunca vou prejudicar-me, caso contrário terei que lidar com o desdém dos professores em relação ao meu desempenho, independente dos outros talentos que possuo. É por vezes perceptível o esforço dos docentes em tentar suprimir a energia destes alunos- problema para que eles atinjam o ideal de bom aluno, de aluno perfeito que possui senão aqueles atributos citados acima.

Outro exemplo que pode ser analisado é o modelo de estudante difundido na maior parte das escolas orientais, em específico das escolas japonesas. Nestas, existe um modelo de aluno idealizado que deve ser seguido de forma correta pelos estudantes. As meninas e meninos devem usar o fardamento de forma perfeita, sem alterar neste um detalhe que seja (independente da preferência de ambos), o cabelo deve ser igual para todos, as meninas com um corte médio/ curto franja e no tom preto (é proibido usar tinturas) os meninos com o cabelo preto e curto. Quem possui o cabelo no tom mais claro, ainda que natural, por vezes é obrigado a tingir na cor preta para não fugir do padrão que é, pela instituição considerado ideal. Aqueles que não se adaptam ao padrão estabelecido podem vir a sofrer represálias ou passar por uma espécie de constrangimento público por parte da instituição de ensino.

O que podemos dizer da presença da ontologia nestas situações? Há a presença da necessidade de definir, categorizar e classificar indivíduos em moldes. Necessidade de dizer o que algo é, assim como a necessidade de estabelecer um padrão único que seja considerado o ideal a ser seguido, atuando por sua vez como uma exaltação a unidade pregada pela ontologia que suprime as multiplicidades, as

alteridades do Ente. E o que acontece quando não se consegue moldar pessoas? As relações passam a se basear na violência ou indiferença. O Eu simplesmente não se permite ser afetado pela exterioridade de outrem por medo de que esta suprima a sua interioridade.

É de suma importância pontuar, que não se trata aqui de extinguir a universalidade. Que possuímos máximas universais que devem ser seguidas é fato. Entretanto, o universal enquanto objetivo da ontologia é marcado pelo exercício de imposição e dominação. É uma violência. Quando falamos de Ensino no Brasil, estamos falando de práticas educativas que tendem para um objetivo: Formar cidadãos."A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (CONSTITUIÇÃO, 1988)

Entretanto, assim como não há um único modo de ser cidadão, por que haveria de ter um único modo de ser estudante? As máquinas já fazem o papel de serem iguais o suficiente. Ademais, Diferente não é sinônimo de Ruim, tal como a ontologia prega. As consequências de suprimir as diferenças em prol de modelos estabelecidos tem implicações drásticas para a vida social, Professores não formam máquinas. Estudantes podem ser semelhantes, mas não iguais por completo. É com este termo (Semelhança) que os docentes e as instituições devem trabalhar. Diante da alteridade, não cabe a igualdade, mas podemos falar de igualitarismo pois precisamos de certa medida de uma pesagem.

Ser diferente exige coragem. A Escola não deve enxergar sua função de formação cidadã enquanto uma fábrica que produz alunos enquanto máquinas de estudos, ou como excelentes profissionais em potencial. A obsessão pelo ser da ontologia resulta na competitividade exacerbada que reduz tudo, todo o aprendizado que resulta das relações humanas e suas interações diferentes a falta de solidariedade, caridade, respeito, onde tudo vale para ser o melhor, o primeiro a chegar. A própria palavra Uniforme parece vir do termo Uniformização. Os estudantes são aterrorizados pelo medo do fracasso, sempre se trata do aqui e do agora, tenho que ser o melhor neste momento, neste instante, não há depois. Afinal, só há um primeiro lugar, e vale tudo pelo sucesso.

Essa redução de singularidades a identidade podem ter consequências resultantes da frustração com a vida, por não poder escolher o caminho, a direção, funcionando como marionete muito se perde. O que se perde nesse processo? o respeito, às vivências, as emoções são suprimidas, autenticidade, criatividade. O direito de escolha é retirado aos estudantes, ou sua escolha é imposta dentre as opções que lhes são apresentadas. Esquecem que estão lidando com pessoas, que adolescentes podem se permitir errar, podem se permitir não saber, bagunçar e ser livres para construir um caminho ao caminhar, ao invés de trilhar um com antecedência com base em vivências e ideias que não são suas.

Assim, estamos aqui a confrontar duas formas de se fazer a educação, de lhe atribuir um sentido. A primeira está centrada nos movimentos da ontologia, tal como observamos nos exemplos citados. Em contraponto a esta, a segunda, tem como um ponto de partida a inspiração ética. Quanto a esta última, abordaremos-a na seção seguinte. Vale ressaltar, que não estamos aqui a desconsiderar toda a contribuição da filosofia ocidental, nem da ontologia para a filosofia. Pelo contrário, a ontologia possui o seu espaço mas há algo mais urgente, um compromisso ético maior, anterior a isso.

3. ÉTICA, DESEJO E HUMANIDADE NO ATO DE EDUCAR

3.1 - Levinas e a ética da alteridade

"A ética é o humano, enquanto humano".E.Levinas

Emmanuel Levinas aborda a ética enquanto sua filosofia primeira. Assim, ela desempenha, em seu pensamento, um papel central para o pensar e agir filosófico. É importante pontuar, que Levinas não tem como objetivo construir uma nova ética, mas sim atribuir-lhe um novo sentido. Sentido que independente da passagem de tempo, da sociedade ao qual esteja inserido, da cultura ao qual pertença, se baseie num ideal que não possa ser recusado. Um ideal de humanidade, próprio da consciência humana, a saber, a responsabilidade.

Descrevo a ética, é o humano, enquanto humano. Penso que a ética não é uma invenção da raça branca, da humanidade que leu os autores gregos nas escolas e que seguiu certa evolução. O único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao outro. Não creio que haja uma humanidade que possa recusar este ideal, mesmo que se deva declará-lo ideal de santidade. (LEVINAS, 1997, p. 151/152).

A responsabilidade aparece, enquanto o próprio exercício da ética dado que está em busca do Humano e o humano aqui não é conceito, senão vivência. A Humanidade da consciência se baseia na vivência pautada na Responsabilidade, no Respeito e no acolhimento diante de Outrem, diante de seu Rosto. "O Rosto é o que não se pode matar ou, pelo menos, aquilo cujo sentido consiste em dizer "tu não matarás" ". (LEVINAS, 1982, p.70). O encontro com o Rosto do Outro é dessa maneira, um momento ético dado que o conceito de Rosto aparece na filosofia levinasiana enquanto Apelo, enquanto uma necessidade de responder a alguém que precisa de ajuda. O Rosto é a minha relação com o que está nu, despido. É sentido somente para si mesmo e não pode ser captado pela visão. Ele é também, como diz Levinas: "O tu não matarás". Entretanto, apresenta uma dicotomia pois ao mesmo tempo em que é mandamento ético, é também tentação a violência, totalização.

O rosto não é absolutamente uma forma plástica como um retrato; a relação ao Rosto é, ao mesmo tempo, relação ao absolutamente fraco, ao que está absolutamente exposto, o que está nu e ao que é despojado, é a relação com o despojamento” (LEVINAS, 1997 p.146)

“Na relação ao Rosto, o que se afirma é a assimetria: No começo, pouco me importa o que Outrem é em relação a mim, isto é problema dele, para mim ele é antes de tudo aquele por quem eu sou responsável” (LEVINAS, 1997, p.147). Ademais, O Rosto é um conceito chave para falar da ética, dado que marca o próprio delineamento desta. É o início da inteligibilidade, é a própria linguagem. A responsabilidade surge do apelo ao rosto do Outro. Outro que não é um Outro Eu mas é totalmente Outro, é diferença e alteridade. O Outro aparece enquanto infinito, enquanto algo que está elevado e distante de mim, não posso alcançá-lo, mas posso encontrar uma forma de me relacionar com ele que não represente violência e totalização. Por conseguinte, a responsabilidade para Levinas é radicalizada a tal ponto do Eu ter de abdicar da sua vida em prol da vida do Outro. Salvá-lo, morrer pelo infinito, eis a ética.

Assim, O Exercício da Responsabilização aparece enquanto algo de fato assustador e radical, mas Levinas traz uma resposta a esta questão, ao dizer que embora não seja divertida, o exercício da responsabilidade pelo Outro é o próprio exercício do Bem, e portanto é necessária. A responsabilidade não pode ser cedida, me descobrindo responsável não tenho como fugir, o Outro me ordena.

Vale pontuar, a importância do conceito de Terceiro para o exercício da ética da alteridade, pois a sua chegada transforma totalmente a minha relação com o Outro. Na minha relação intersubjetiva com o Outro, ele passa diretamente por mim, ao me deparar com Seu rosto me percebo responsável por ele. Com a chegada do terceiro, nossa relação se abala. Passo a me questionar: E agora? Quem é o meu outro? a quem devo prestar a minha responsabilidade?

Com o terceiro, aquele delineamento inicial da ética traz a necessidade do teórico, da filosofia. A filosofia surge com a chegada do terceiro. Afinal, há uma necessidade de um caminho que me mostre como devo agir em relação a ele. Com a sua presença se faz também necessária a justiça, que apesar de comportar uma parcela de violência devido a comparação daquilo que não pode ser comparado,

mantém estável a vida em sociedade. A justiça trabalha enquanto uma comparação que envolve julgamento, mas julga somente ações, não alteridades. Ademais, é necessária uma pesagem, para que ambos (Eu, Outro e Terceiro) possam viver bem em sociedade.

Levinas está atribuindo um novo sentido que não o da liberdade e do excesso de racionalismo à ética. Pelo contrário, do excesso de racionalismo teriam advindo a humanidade as suas maiores mazelas. O filósofo separa radicalmente a razão, assim como a liberdade como conceitos próprios do pensar e agir éticos, pondo em seu lugar, o exercício da responsabilização e respeito por outrem enquanto atitudes próprias do ser humano. A ética se manifestaria, portanto, enquanto busca pela humanidade.

O sofrimento de compaixão, o sofrer porque o Outro sofre, não é mais que um momento de uma relação muito mais complexa e, ao mesmo tempo, mais inteira, da responsabilidade por Outrem. Na realidade, sou responsável por Outrem, mesmo quando pratica crimes. Isto é para mim o essencial da consciência judaica. Mas, penso, também, que é o essencial da consciência humana:” Todos os homens são responsáveis uns pelos outros, e eu mais que todo mundo” É a fórmula de Dostoievski que Aplico aqui

(LEVINAS,1997,P.150).

A ética da alteridade segue assim uma outra via, nos conduz ao desinteressamento, desapego de mim. Estou para o Outro sem que este tenha a obrigação de reciprocamente estar para mim. A ética não aspira retorno. Minha relação com ele é assimétrica, somos alteridades distintas. A filosofia enquanto ética marca um despertar do homem para a humanidade enquanto característica e valor fundamental do ser humano. Buscando uma relação não violenta entre o Eu, o Outro e o Terceiro, simbolizada pelo face-a-face ou seja, pelo encontro do Rosto que me mostraria a impossibilidade de violentar outrem.

A humanidade da consciência não está absolutamente nos seus poderes, mas na sua responsabilidade. Na passividade, no acolhimento, na obrigação a respeito de outrem; é o outro que é primeiro, e aí a questão da minha consciência soberana não é mais a primeira questão.

(LEVINAS, 1997, p.155).

A ética é a responsabilidade antes da liberdade, é o Outro antes do Eu. Para Levinas, ela é pautada na busca pelo humano que há em nós. Busca que se baseia na assunção da minha responsabilidade perante o Outro. Assim a ética se apresenta enquanto uma prática de responsabilização, acolhimento e respeito em relação ao outro que está na minha frente. Neste sentido, representa uma luta contra a totalidade, contra a ontologia, contra a violência diante do outro.

A princípio, toda a exemplificação acerca deste sentido que o filósofo atribui a ética pode parecer ingênuo e óbvio. Contrário a esse pensamento, Levinas sabe da possibilidade do mal, da violência, do não despertar para o Humano. Afinal, na maior parte do tempo estamos demasiados presos na totalidade, estamos na inércia. Entretanto, a sua filosofia aparece enquanto um caminho, enquanto uma chamada para que estejamos sempre despertos, para que possamos evitar o momento da desumanidade, da animalidade, nisto consiste o humano. Ademais, o óbvio por vezes precisa ser dito dado que ainda há violência, desumanidade e indiferença permeando as relações humanas em nosso mundo.

3.2 - Desejo, Responsabilidade e Acolhimento no ato de ensinar

Ensinar é ter compromisso com o mundo. Quando o professor e a escola assumem o compromisso que possuem em relação aos seus estudantes, a prática educativa e o próprio ato de ensinar se transformam e vão além da mera transmissão de conteúdos e do puro tecnicismo. Este compromisso é ético, é da vida de alguém que se fala, é da vida de alguém que se assume a responsabilidade. Nos tornamos responsáveis pelo futuro deste aluno, pelos seus atos, pelo que ele vier a se tornar. A escola representa o espelho da sociedade e dessa maneira, é urgente pensar que cidadão pretende-se formar com a educação.

Tendo em vista que o exercício da cidadania é o objetivo da educação brasileira, pode-se analisar quais os valores o cidadão que pretende-se formar deve possuir. Como o objetivo desta pesquisa é trazer a formação cidadã enquanto formação para o exercício da humanidade, faremos o uso do pensamento do filósofo

lituano francês, a partir da utilização dos seus conceitos chaves como conceitos imprescindíveis para a vivência do humano, sendo estes os conceitos de: Desejo, Responsabilidade (Respeito) e Acolhimento. Vale ressaltar, que toda a análise de conceitos e exemplos utilizados nesta pesquisa visa apresentar a possibilidade de uma possível aplicação destes valores no exercício da prática educativa dado que aqui não estamos a trazer a ética enquanto puramente teórica, senão prática.

Comecemos pelo conceito de Desejo. Desejar... Segundo Levinas, todos desejamos algo, ou alguém. O ato de desejar é próprio e comum ao sujeito. Enquanto comumente interpretado, este aparece enquanto satisfação, ou seja, enquanto posse. Busca, portanto, suprir uma necessidade que lhe possa trazer alguma satisfação. Assim, se tenho sede, bebo água e o ato de satisfazer essa pequena necessidade humana me traz uma certa satisfação. "Na base do desejo comumente interpretado encontrar-se-ia a necessidade; o desejo marcaria um ser indigente e incompleto ou decaído da sua antiga grandeza"(LEVINAS, 1980,p.21).

Quando o desejo comum passa a desejar o invisível, este desejo passa a ser impossível de ser alcançado e portanto nunca será satisfeito pois, o objeto desejado não pode ser alcançado. Assim, o desejo do invisível busca satisfazer uma necessidade que não pode ser suprida. A necessidade surge, enquanto uma falta, um vazio que necessita ser preenchido e o busca ser por meio do desejo.

O desejo do invisível pode aparecer, como o desejo que o Eu tem em relação a vida. Sabe-se, que um dia vai morrer, mas deseja-se viver eternamente. Embora esse desejo exista, o objeto desejado não pode ser alcançado. Esse desejo também aparece enquanto a nossa busca para compreender Outrem. Por mais que me aproxime dele, não posso alcançá-lo. Ele me escapa. Seguindo a ontologia, o desejo por outrem se baseia na necessidade, assim posso agir de maneira ética com o outro, buscando suprir uma necessidade minha por meio da ação em relação a este. Neste sentido, o temor por outrem seria temor por mim, cuidado comigo mesmo e não para com ele. Quando esse desejo por outrem aparece, e não está direcionado para a ética, ou seja, não é metafísico, o Eu age de forma totalizante. Busca incorporar a sua identidade à alteridade de Outrem.

O Outro metafisicamente desejado não é como o pão que como, como o País em que habito, como a paisagem que contemplo, como por vezes, eu para mim próprio, este Eu, esse Outro, dessas realidades, posso alimentar-me e, em grande medida, satisfazer-me, como se elas simplesmente me tivessem faltado. Por isso mesmo, a sua alteridade incorpora-se na minha identidade de pensante ou possuidor, o desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa, para o absolutamente Outro (LEVINAS, 1988,p.21).

O Desejo metafísico aparece assim, enquanto um desejo ético que não pode ser cumulado, possuído. É desejo pelo que é absolutamente Outro e entende o afastamento deste último.

O Desejo é o desejo do absolutamente Outro. Para além da fome que se satisfaz e da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o Outro para além das satisfações, sem que da parte do corpo seja possível qualquer gesto para diminuir a aspiração, sem que seja possível esboçar qualquer carícia conhecida, nem inventar qualquer nova carícia. Desejo sem satisfação que, precisamente, entende o afastamento, a alteridade e a exterioridade do Outro. (LEVINAS, 1988,p.22).

Levinas compara o Desejo metafísico à generosidade. A generosidade é um ato que não cumula, antes nos abre o apetite (LEVINAS,1988). Assim, enquanto a relação com o Infinito (Ou seja, o Outro) For vista enquanto um Saber, o embriagamento em relação a Outrem e a violência estarão presentes. Mas, se esta relação for vista, como um Desejo assim como o filósofo nos diz, ele representaria o próprio direcionar das minhas ações a outrem por uma outra via, uma via ética, amorosa, acolhedora e responsável. Seria uma vivência diferente do Ser, seria um Outramente que ser.

O Desejo é, portanto, o conceito essencial que deve permear a prática educativa. Cabe ao docente propor situações didáticas, criar provocações onde se possa direcioná-lo à ética. É de suma importância, pontuar que a minha relação com o Outro não é um saber, senão um Desejo daí a urgência em trilhar um caminho ao qual este desejo possa caminhar. Este direcionar resultaria no próprio exercício da responsabilidade e do acolhimento por parte do estudante. Entretanto, há a chance de que isto também não aconteça, não podemos prever outrem, o docente não consegue afetar e estimular todos sempre, nem sempre tudo sai como o planejado.

Deve ser pontuada também a presença da diferença neste processo. A diferença é a própria manifestação da alteridade do estudante e assim, cabe à escola e ao professor respeitá-la. Durante muito tempo a escola se pautou na uniformização dos estudantes ao exercer sua prática. Uniformização como uma forma de possuir o controle em relação aos diversos estudantes que lhe chegam, se tornava necessário um molde para manter tudo no controle. Entretanto, essa prática suprime alteridade e trata pessoas como fantoches que devem ser controlados. Entretanto, cada Outrem é único. Pessoas não devem ter suas alteridades comparadas. Ações sim, mas não diferenças que as constituem enquanto únicas.

Que a prática docente se baseie no respeito às diferentes alteridades que lhe defrontam e que há valores universais aos quais a escola deve seguir é óbvio. Mas que essa universalidade seja ressignificada, que não signifique mais dominação e classificação. Para tal, pode-se pensar no conceito de Semelhança. Somos semelhantes, não iguais. Assim, podem-se estabelecer valores universais como próprios do exercício do humano, como valores que podem permear uma prática educativa sem que essa prática represente violência. Valores que devem ir além dos atributos de um excelente profissional ou de um excelente vestibulando. Existimos para nos relacionarmos com o mundo, pois o homem não vive sozinho. A função da escola é primordial para o aprimoramento das relações humanas, para a construção de uma sociedade justa, igualitária.

Que a diferença seja respeitada na relação docente-discente e na relação aluno-aluno. Que o acolhimento faça parte do ensinar e do aprender, acolhimento que se baseia no acolher a diferença de cada um, no Respeito às diferentes vivências e diferentes saberes. No acolhimento ao Erro, pois o Erro também ensina. É necessário errar para aprender e apreender, é necessária a experiência do erro. Que a escola funcione enquanto um espaço onde os estudantes possam se permitir errar. Que o docente não seja visto enquanto mero transmissor de informação, mas que o próprio conteúdo, impacte a vida do aluno fora da escola. Pontua-se novamente aqui, que a relação com o infinito não é um saber, mas um Desejo. Desejo que não é dominação, é ética.

3.3 - Ensino de filosofia e formação cidadã: Contribuição da centralização da ética da alteridade no processo de ensino

Conforme o que foi exemplificado ao longo desta pesquisa, fica ao professor, assim como a instituição de ensino, o dever dado que a responsabilidade pela formação humana do estudante não é somente dever do docente, mas das demais instituições, tendo em vista que cada vivência traz contribuições e consequências a constituição cidadã do aluno/aluna, de criar situações na sala de aula onde o Desejo possa aparecer enquanto o direcionador das ações à ética, para os valores que de fato agregam ao aprimoramento das relações humanas, tais como o respeito, a responsabilidade, o acolhimento e o cuidado.

Ademais, cabe à educação o papel de empurrar para o exterior, isto é, retirar o estudante da prisão da interioridade, da prisão do Eu. Como foi dito, a ética é imprescindível para o funcionamento da sociedade e portanto é de extrema necessidade a sua presença na prática educativa dado que tem muito a contribuir com a formação cidadã, tendo em vista que formar para o exercício da cidadania é o objetivo da educação brasileira. Vale ressaltar, a presença da preocupação com relação à ética existente nos documentos normativos para a educação brasileira, tais como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

A bncc organiza seus objetivos a partir de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos discentes ao longo da educação básica. Estas competências estão divididas entre competências gerais e específicas onde estas últimas trazem habilidades específicas para cada área do saber. Quanto às competências gerais, pontua-se aqui, duas em particular:

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se **respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos**, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.(BNCC,2017, p.10)

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, **responsabilidade**, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em **princípios éticos**, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários “(BNCC, 2017,p. 10)

Pode-se observar que, há a preocupação com a ética permeando os objetivos que devem ser alcançados por meio das competências do documento normativo. Como nos referimos ao ensino de filosofia e tendo em vista que somente a etapa do ensino médio trabalha com a filosofia por meio da área das ciências humanas, analisaremos, por hora, as competências e habilidades que podem ser por meio da centralização da ética no processo de ensino de filosofia estimuladas ao desenvolvimento no estudante, pois a filosofia exerce por meio de suas especificidades um local privilegiado para a o exercício da cidadania. Segue, portanto, em particular a seguinte competência e suas habilidades específicas para a área de ciências humanas e sociais aplicadas: “COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5 Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos”. (BNCC, 2017,p. 564). Possuindo as seguintes habilidades:

(EM13CHS501) Compreender e analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a autonomia e o poder de decisão (vontade). (BNCC,2017 p.564)

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais (BNCC,2017 p.564)

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.(BNCC,2017 p.564)

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas. (BNCC,2017 p.564)

Por meio da centralização da ética da alteridade, no ensino a partir do espaço da disciplina de filosofia a escola pode alcançar tais competências e habilidades. Ademais, que a ética levinasiana tem muito a contribuir com a formação cidadã é notório. Se a humanização é um dos objetivos do exercício da cidadania, Levinas

nos aponta um caminho, para que as ações possam ser direcionadas para esse exercício da cidadania enquanto um exercício humano. O direcionar do Desejo deve ser conduzido a ética.

A centralização da ética levinasiana no processo de ensino resulta na própria assunção da responsabilidade, no acolhimento, no respeito, no cuidado do Eu em relação ao Outro. E dessa maneira, a disciplina de filosofia possui o lugar privilegiado para o exercício dessa prática dado que pode ser vista não somente enquanto uma disciplina puramente teórica, desvinculada da realidade, mas prática pois é uma forma humana de se situar no mundo, de tentar explicá-lo, é relação. É um modo de vida que pode ser pautado na vivência que busca o Humano como valor primeiro.

A relação com o infinito não é um saber, mas um Desejo. Tentei descrever a diferença entre o Desejo e necessidade, pelo facto de o Desejo não poder ser satisfeito; que o Desejo, de alguma maneira, se alimenta com as próprias fomes e aumenta com a sua satisfação; que o desejo, é como um pensamento que pensa mais do que não pensa, ou do que aquilo que pensa. Estrutura paradoxal, sem dúvida, mas que o não é mais do que a presença do infinito num acto infinito. (LÉVINAS, 1982, p.75).

Esses valores que estão sendo aqui pontuados como valores próprios do humano podem na prática ser trabalhados pelos docentes a partir da sensibilização em sala de aula, pois o ato de sensibilizar significa senão uma afetação por algo que vem de fora e nos impacta, nos tira da inércia e assim como essa afetação o professor pode trabalhar por meio do Desejo. Vale ressaltar, a importância neste processo da relação entre Docente e Discente.

O estudante não é apenas um receptor do conhecimento que o professor transfere, seguir este ponto de vista é retomar aquela obsessão pela verdade que está em mim da ontologia. Como já dizia Freire “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”(FREIRE,1977 p.13). Somos concomitantemente alunos e professores e o dever que deve ser assumido vai além da formação tecnicista. Não quer dizer que a formação profissional e os conteúdos não possuem importância, eles possuem sim. Mas, o imprescindível para a sociedade é que a minha relação com o Outro, seja ele quem for, seja o Bem, seja responsabilidade.

É preciso que o respeito predomine na nossa relação com o mundo. Respeito esse que deve se fazer sempre presente na sala de aula, já que esta funciona como um espelho da sociedade. que na vivência cotidiana da escola, a escola respeite as diferentes bagagens de saberes que os alunos trazem consigo, as diferentes alteridades, o erro, e outras diferenças que nos fazem serem únicos e infinitos, tendo a consciência do inacabamento do homem em relação ao mundo. Nós não somos, estamos sendo.

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (FREIRE, 1977 p.18)

“Educar é formar” (FREIRE,1977, p.18). é portanto, imprescindível a presença e a centralização da ética no processo de ensino, em específico da ética da alteridade. Assim como Freire, Levinas não imagina uma sociedade onde a ética não se faça presente. Sabe-se que a ética pode variar de acordo com os diferentes períodos históricos e culturais que atravessam a história humana, entretanto, Levinas está anunciando um ideal que não é afetado por estas transformações, um ideal de humanidade, de responsabilidade, um caminho que seja o despertar do ser, um caminho para um Outro modo de Ser.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos mencionados, concerne a instituições de ensino o papel da formação humana enquanto objetivo primordial para a formação cidadã do estudante. Desse modo, a filosofia levinasiana oferece enquanto contribuição um caminho possível, através da disciplina de filosofia por onde a prática educativa possa caminhar, pontuando valores que visam despertar o homem para a humanidade enquanto assunção da responsabilidade por Outrem. Vale ressaltar, que não cabe somente ao docente o dever de desenvolver tais valores em seus estudantes, pois não há como de fato garantir que serão desenvolvidos. Professores não podem encaixar nos alunos seus ideais e esperar que estes os reproduzam. Pelo contrário, o Outro é imprevisível.

Se fosse possível o acesso ao seu pensamento de forma completa, este não seria Outro. Assim, ao professor e às instituições de ensino concerne o dever de criar situações didáticas, de provocação, seja por meio de atividades, de projetos, ou de pequenas situações na vivência cotidiana na sala de aula, onde o aluno, ou aluna possa ser por meio da sensibilidade afetado. A sensibilidade trabalhada em sala de aula, seja por meio de trabalhos em grupo, seja por imagens, projetos e etc, possibilita, ao estudante uma chance maior de abertura, de percepção da exterioridade presente.

Ao professor não cabe o desenvolver, mas a possibilidade de estimular, e assim, aquele Desejo o qual abordamos pode atuar, enquanto, o encaminhar das ações para os valores que Levinas considera senão primordial, o Cuidado com o Outro. Inicialmente, pode parecer que a pesquisa aponta, senão, valores óbvios que devem ser vivenciados em sala de aula. Entretanto, o óbvio precisa ser dito. É de suma importância, estar alerta e ressaltar o que de fato é imprescindível na constituição do sujeito para que este possa se relacionar com o mundo diante de si. Para tal, assim como Levinas, não tem a pretensão de criar uma nova ética, senão lhe mostrar um novo sentido. Esta pesquisa não pretende criar uma nova prática educativa, mas mostrar um caminho possível enquanto um sentido que aponta para um ideal de humanidade que não pode ser recusado. Ademais, tendo em vista o tempo ao qual foi possível seu desenvolvimento, reconhece-se que há questões

apresentadas ao longo do trabalho que devem ser aprofundadas em pesquisas posteriores, dada a complexidade do ensinar e dos aspectos que o permeiam. Por conseguinte, ressalto a importância da ética enquanto fundamental para a prática educativa, ainda que a transgressão de seus princípios possam acontecer, é fundamental a percepção da instituição escolar e do docente enquanto sujeitos eleitos a assunção de um dever, de um compromisso importante com a humanidade pois ensinar é assumir um compromisso com o mundo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://base.nacional.comum.mec.gov.br/> Acesso em: 15 set. 2022.
- BLANC, Mafalda de Faria. **Estudos sobre o Ser**. [S. l.]: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. 342 p.
- FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA : saberes necessários à prática educativa**. [S. l.]: Paz e terra, 1977. 144 p
- HOBBS, Thomas. **Leviatã: OU MATÉRIA, FORMA E PODER DE UMA REPÚBLICA ECLESIASTICA E CIVIL**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LEVINAS, Emmanuel. **TOTALIDADE E INFINITO**. 70. ed. Portugal: [s. n.], 1980.
- LEVINAS, Emmanuel. **ÉTICA E INFINITO**. 1º. ed. [S. l.]: Edições 70, 1982.
- LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: Ensaio sobre a alteridade**. 5º. ed. [S. l.]: Vozes, 1997. 304 p.
- PARMÊNIDES. **Da Natureza**. Tradução de José Gabriel Trindade Santos. Modificada pelo tradutor. São Paulo: Loyola, 2002.
- ROUSSEAU J. -J. **Discurso sobre a Origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Porto Alegre: L & PM, 2009. Tradução: Paulo Neves.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 março. 2023